

FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS: ENTRE LÉXICO E DISCURSO

Isabel Margarida Duarte

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

RESUMO

O ponto de partida para esta reflexão é a dificuldade, para um estrangeiro que aprende o português mas também para muitos locutores que o falam enquanto língua materna, de utilizar adequadamente as formas de tratamento em português, dada a sua complexidade, como variadas vezes mostraram os trabalhos de Maria Helena Carreira (1997, 2001, 2002, 2004, 2007). A partir de um *corpus* de ficção, veremos as vantagens, para chegarmos a uma abordagem didáctica eficaz, de cruzar o olhar da linguística (quer do ponto de vista do léxico quer do discurso) disciplina que descreve essas formas, com o da literatura, uma vez que a ficção narrativa as usa por vezes de modo muito eficaz. Com base no original português e na tradução francesa do romance de José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), reflectiremos sobre o modo como foram traduzidas as formas de tratamento, para daí tirarmos algumas conclusões.

PALAVRAS-CHAVE: linguística, literatura, léxico, discurso, formas de tratamento, português europeu.

1. Complexidade das formas de tratamento em Português Europeu: três aspectos

A complexidade do uso das formas de tratamento em português origina múltiplas dificuldades e de diverso teor. A maior parte delas é de tipo pragmático e decorre de o locutor não saber adequar a forma própria ao destinatário que com ele se relaciona social e linguisticamente. Mas, para que o locutor saiba empregar a forma adequada por meio da qual se deve dirigir ao alocutário, tem de possuir, no seu acervo lexical, um conjunto rico e variado de alternativas pelas quais possa optar, depois de avaliar devidamente a situação enunciativa, o estatuto e a relação entre os interlocutores entre os quais decorre a troca comunicativa.

A referida complexidade do emprego das formas de tratamento em português foi já salientada por muitos investigadores, nomeadamente estrangeiros ou que ensinam português a estrangeiros (entre outros, ver CINTRA, 1972; CARREIRA, 1997, 2001, 2002, 2004, 2007; HAMMERMUELLER, 2004). A complexidade aumenta pelo facto de as variedades brasileira e europeia do português não coincidirem neste ponto. Mas às dificuldades próprias da não coincidência de usos em PE e PB não vamos dedicar-nos agora, embora saibamos o quanto elas confundem estudantes estrangeiros que podem ter contacto com professores falantes das duas variedades. Os problemas de adequação no uso das formas de tratamento coloca-se para os estrangeiros que aprendem português mas também, e cada vez mais, para os falantes de português como língua materna (DUARTE, 2010), sobretudo para aquele vasto grupo que não fala, em casa, a variedade padrão que é a variedade utilizada na escola, onde um uso inadequado das formas de tratamento, justamente, pode ser muito penalizador para o aluno. Por outro lado, as formas de tratamento configuram um lugar de permanente disfunção no que concerne à tradução, porque nem sempre a língua de chegada do texto a traduzir possui forma equivalente à portuguesa, nem sempre o tradutor compreende as finíssimas especificidades que o emprego de uma ou outra forma acarreta (DUARTE, 2008a e 2008b). Por isso irei também comentar alguns exemplos da tradução francesa de um romance de José Saramago, sempre com o intuito de salientar os problemas gerados pela complexidade do sistema de tratamento português.

No domínio das formas de tratamento, colocam-se, sobretudo, três tipos de dificuldades.

a. O uso das formas de tratamento de tipo nominal é muito codificado em português¹ já que elas variam, sobretudo mas não unicamente, de acordo com a relação social existente entre o locutor e o destinatário do discurso, o que faz com que, como CINTRA (1972) e CARREIRA (1997, 2001) demonstraram, nos possamos dirigir a um locutor do sexo feminino utilizando, por exemplo, *Senhora Maria*, *Dona Maria*, *Senhora Dona Maria*, consoante a interlocutora estiver situada num nível mais ou menos elevado da escala social. Como refere António Lobo Antunes, a propósito da adequação sociolinguística da linguagem «falada» pelas suas personagens, numa entrevista concedida a Maria Luisa Blanco (BLANCO, 2002, p. 100):

As regras entre as classes são muito complicadas. Se damos um tratamento excessivo à mulher que ajuda na limpeza ela pode ficar incomodada, mas se o damos por baixo também, porque pensa que estamos a humilhá-la. Quem adquiriu o estatuto de dona, fica furiosa se é tratada por senhora, mas se é tratada por senhora dona também fica furiosa...

Por outro lado, podemos chamar *Menino* ou *Menina* mesmo a interlocutores que já não sejam crianças nem tão pouco adolescentes, se o locutor estiver numa posição interactiva baixa em relação ao destinatário, como no caso de *Os Maias*, em que Carlos adulto continua a merecer esse tratamento do seu criado de quarto Baptista, o que já não acontece na tradução francesa de Paul Teyssier:

De modo que havia já cinco semanas que *o menino* não escrevia a madame Rughel...
 – É necessário escrever amanhã... – disse Carlos (cap. V).
 De sorte que voilà déjà cinq semaines que *Monsieur* n'avait pas écrit à Madame Rughel.
 – Il faut écrire demain, dit Carlos.

Veremos, um pouco abaixo, por que razão esta também é uma questão de léxico.

b. Para marcar a deferência em relação ao alocutário, o locutor dirige-se-lhe, quer utilize uma forma nominal ou não, enquanto sujeito de um verbo na 3ª pessoa do singular (como em espanhol ou italiano) e

não na 2ª pessoa do plural (5ª), como em francês.

c. A 3ª pessoa gramatical é a forma de tratamento mais frequente em português (contrariamente ao tuteio, mais frequente em espanhol e italiano). Como escrevia Alice Vieira numa crónica² dedicada ao mau uso das formas de tratamento,

cada país (cada língua, cada cultura) tem a sua maneira específica de se dirigir às pessoas. Mal passamos Vilar Formoso, logo toda a gente se trata por tu, que os espanhóis não são de etiquetas nem de salamaleques. Mas nós não somos espanhóis.

A 3ª pessoa gramatical combina-se, no discurso, (i) com as diferentes «formas de tratamento», formas nominais de nos dirigirmos ao outro, que são sujeito do verbo na 3ª pessoa, (ii) com o pronome «você» e, sobretudo, (iii) com o pronome nulo \emptyset que permite evitar os malentendidos decorrentes de um uso inapropriado de *você* (HAMMERMUELLER, 2004). Com efeito, o pronome «você», generalizado ou quase no Brasil, onde a sua utilização não levanta qualquer dificuldade, coloca muitos problemas na variedade europeia do português, porque, no singular, só é aceitável em certas regiões e em certas variedades diastráticas, sendo o seu uso na variedade padrão muito específico de certas relações absolutamente simétricas e amistosas e inaceitável na maior parte dos casos, sobretudo sempre que exista dissimetria social ou de idade entre os interlocutores. Nas variedades mais próximas da norma, o «você» é quase inadmissível, geralmente sentido como grosseiro ou, pelo menos, pouco cortês.

O tratamento assimétrico dependente da idade é exemplificável pelo seguinte excerto do conto “Farrusco”, de *Bichos*, de Miguel Torga, em que a rapariga casadoira trata a alcoviteira, mais velha, em 3ª pessoa, mas esta a trata por “tu”:

Aflita, chegou-se à Isaura, a alcoviteira, mouca como um soco, que a seu lado sachava milho, e gritou-lhe aos ouvidos, desesperada:

– Ora *vê*? Que *lhe* dizia eu?

A Isaura nem queria acreditar:

– Ouvirias mal... (p. 144)

Obviamente que as formas de tratamento, como sabemos, são uma zona sensível de mudança linguística por estarem muito dependentes de variáveis sociais em plena evolução. Assim, quer no caso do PE quer

do PB, há investigadores que assinalam uma progressiva e por vezes acelerada alteração das formas de tratamento, no sentido de um maior igualitarismo e reciprocidade de tratamento entre interlocutores (cf. para o PE, GOUVEIA, 2008 e para o PB, SILVA, 2008). Neste sentido, na mesma crónica de Alice Vieira já referida³, é possível considerar que só o tratamento «senhora dona» é hoje cortês em PE, enquanto que outros autores podem defender vários patamares nominais de tratamento para as mulheres, consoante o respectivo estatuto social, como vimos no exemplo de Lobo Antunes atrás transcrito:

[...] e as mulheres, depois de passarem por aqueles brevíssimos segundos em que são tratadas por «Menina», passam de imediato – sejam casadas, solteiras, viúvas ou amigadas, sejam velhas ou novas, gordas ou magras, feias ou bonitas, ricas ou pobres – à categoria de «Senhora Dona».

Insisto que me refiro unicamente ao PE, uma vez que, no PB, as questões se colocam de modo muito diferente, sendo o uso de «você» o preferido. Em PE, os problemas de inadequação do uso de «você» só se põem no singular. Na 3ª pessoa do plural, «vocês» é perfeitamente aceitável quando o locutor se dirige a vários destinatários. Em contrapartida, o emprego do pronome de 2ª pessoa do plural, «vós» está hoje relativamente confinado quer geograficamente quer do ponto de vista dos tipos de discurso em que é aceitável, enquanto forma de o locutor se dirigir a vários interlocutores. Na verdade, no discurso da Igreja, é perfeitamente normal que o sacerdote se dirija publicamente aos fiéis tratando-os na 2ª pessoa do plural, mas essa forma está confinada, hoje, a usos muito particulares e marcados.

É por ser tão complexo dirigirmo-nos a outro interlocutor em PE que as formas de tratamento se tornam um problema de aprendizagem para os estudantes de português língua estrangeira e foi da constatação dessa dificuldade que partiram as pesquisas de CARREIRA (1997, 2001, 2004, 2007).

2. Linguística, literatura e aprendizagem da língua

A nosso ver, toda a aprendizagem da língua, seja ela materna, segunda ou estrangeira, deve também passar, a um dado momento, pela leitura de textos literários. Apoiamos esta opinião nos estudos de FONSECA (2002) que defendeu, em Portugal, a importância do cruzamento do olhar da literatura e do da linguística para melhor compreender não

apenas os textos e os fenómenos literários em geral e estilísticos em particular, mas também a língua e os problemas linguísticos e gramaticais, e, mais especificamente, discursivos ou de uso.

Fonseca não está isolada, bem entendido, na sua luta em prol de uma aproximação interdisciplinar entre os estudos linguísticos e literários, como atestam, por exemplo, alguns escritos recentes de Aguiar e Silva (2005, 2008) e o número da revista *Semen*, 24 (Novembro 2007), intitulado «Linguistique et poésie: le poème et ses réseaux», bem como os escritos de outros investigadores, de que citarei apenas Jean-Michel Adam:

(...) la littérature n'est certes qu'une pratique discursive parmi d'autres, mais une pratique particulièrement intéressante. Entre l'analyse du discours dit "ordinaire" et celle du discours littéraire, il me paraît indispensable d'instaurer un mouvement de va-et-vient, l'étude de l'un donnant souvent à connaître quelque chose du fonctionnement de l'autre (ADAM, 1991, p. 5).

No que diz respeito ao estudo das línguas estrangeiras e sem sair da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, poderei também citar Bizarro (2007), que estudou os benefícios da leitura de textos literários para a aprendizagem do francês como língua estrangeira. Henri Besse tinha já adiantado, em 1989, uma posição idêntica:

Parce qu'en lui [texte littéraire] la langue travaille et est travaillée plus que dans tout autre texte, parce que sa facture lui assure une relative autonomie par rapport à ses conditions de production et de réception, parce qu'il est l'un des lieux où s'élaborent et se transmettent les mythes et les rites dans lesquels une société se reconnaît et se distingue des autres, le texte littéraire nous paraît particulièrement approprié à la classe de français langue étrangère (BESSE, 1989, p. 7).

O convívio com a complexidade da linguagem literária é tão importante para o aprofundamento da aprendizagem das línguas como o contacto com documentos linguísticos reais, do quotidiano, não ficcionais. Porque, embora essa discussão não possa ser feita nem agora nem aqui, os textos literários são tão reais como quaisquer outros textos.

3. Exemplificação num romance de José Saramago

Passarei imediatamente à análise de algumas «formas de tratamento» recolhidas numa obra de ficção narrativa portuguesa, de modo a melhor fazer compreender não só o que anteriormente escrevi sobre a

complexidade das formas de tratamento, sobre a sua tradução e sobre a sua aprendizagem, mas também sobre as vantagens da leitura de narrativas literárias, no quadro dessa aprendizagem. Utilizarei exemplos de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago (1984)⁴, para ilustrar brevemente o obstáculo que as formas de tratamento em português constituem não só para a tradução mas também para a aprendizagem da língua.

Neste romance, o escritor português imagina que um dos heterónimos de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, autoexilado no Brasil, regressa a Lisboa em 1935 (o ano da morte de Pessoa). Saramago mostra-se muito atento, como habitualmente na sua obra, às diferenças sociais e linguísticas que existiam na época em que se passa o enredo do romance, sete anos depois do início da ditadura de 48 anos, terminada em 1974. O texto e os seus diálogos mais ou menos canónicos não são utilizados, aqui, para fornecer meros exemplos ou testemunhos de formas de tratamento do português falado, até porque os diálogos de ficção não são, obviamente, documentos orais, mas também para ilustrar o estilo de Saramago, revelador das suas muito particulares intuições sobre a língua tal qual se fala, do seu modo muito pessoal de restituir, na sua obra, ou de imitar, com extrema verossimilhança, as trocas orais reais.

Limitei-me a escolher três aspectos da complexidade do emprego das formas de tratamento em PE dos quais já falei anteriormente :

(a) A dificuldade em encontrar a forma adequada seja ao interlocutor, seja às intenções do locutor e à situação de enunciação; (b) as assimetrias entre as diversas formas usadas, de acordo com o lugar social ocupado pelos interlocutores e, finalmente, (c) um certo emprego de «você».

a. o primeiro exemplo ilustra a dificuldade de encontrar a forma de tratamento adequada que respeite o código social e linguístico regulador dos seus usos discursivos. Este excerto revela as hesitações de Ricardo Reis que tem de escolher uma forma de tratamento para escrever a uma mulher, Marcenda⁵. Sublinho os problemas que essa escolha coloca ao locutor, sobretudo porque, embora tratando-se de uma carta, todas as opções sobre as quais ele hesita são formas de tratamento alocutivo. O estudo desta passagem e a ampliação do leque de possibilidade de escolhas pelos estudantes de português, sobretudo como língua estrangeira e segunda, mas também como língua materna, poderão ser feitos no âmbito do alargamento do respectivo acervo lexical, pois

sem a ferramenta lexical necessária, não é possível sequer avançar para considerações do âmbito da pragmática ou do discurso.

As formas utilizadas por Reis vão da mais cerimoniosa distância até à proximidade mais afectiva. Cito Détrie (DÉTRIE, 2006, p. 155) uma vez que as formas de tratamento, tal como a apóstrofe, são reguladoras da interacção, não apenas do ponto de vista social, mas também emotivo: «Étant sans conteste un dispositif modal, l'apostrophe travaille l'intersynchronisation: elle participe donc très fortement à la fois à la régulation sociale et à celle des affects, les deux étant souvent combinées».

(1) Hesitou muito Ricardo Reis sobre o vocativo que deveria empregar, uma carta, afinal, é um acto melindrosíssimo, a fórmula escrita não admite médios termos, distância ou proximidade afectivas tendem para uma determinação radical que, num caso e no outro, vai acentuar o carácter, cerimonioso ou cúmplice, da relação que a dita carta estabelecerá [...]. Claro que Ricardo Reis não admitiu, sequer, a hipótese de tratar Marcenda por *excelentíssima senhora dona*, ou *prezada senhora*, a tanto não lhe chegaram os escrúpulos de etiqueta, mas, tendo eliminado esta fácil impessoalidade, achou-se sem léxico que não fosse perigosamente familiar, íntimo, *minha querida Marcenda*, porquê sua, porquê querida, é certo que também poderia escrever *menina Marcenda* ou *cara Marcenda*, e tentou-o, mas menina pareceu-lhe ridículo, cara ainda mais, depois de algumas folhas rasgadas achou-se com o simples nome [...] (p. 197).

Ricardo Reis hésita longuement sur le vocatif qu'il devait employer, une lettre est un acte des plus délicats, la formule écrite n'admet pas les moyens termes, l'éloignement ou le rapprochement affectif tendent vers une détermination radicale qui, dans un cas comme dans l'autre, accentue le caractère policé ou complice du lien que cette lettre établit [...]. Ricardo Reis n'a évidemment pas retenu l'hypothèse d'appeler Marcenda *Très chère* ou *Très honorée madame*, il n'a pas poussé le respect de l'étiquette aussi loin, mais cette facile impersonnalité une fois bannie, il ne put trouver de terme qui ne fût dangereusement familier, intime, *Ma chère Marcenda*, par exemple, ou *Marcenda chérie*, pourquoi sienne, pourquoi chérie, il pouvait écrire *Mademoiselle Marcenda*, ou *Chère Marcenda*, et il s'y essaya, mais Mademoiselle lui parut ridicule, chère encore davantage, et après avoir déchiré plusieurs feuilles il se trouva avec le nom seul [...] (p. 196).

A tradução francesa não consegue dar conta das subtilezas das «formas de tratamento» portuguesas. Com efeito, a língua francesa não dispõe de uma escala tão completa de possibilidades como o português.

Essa diferença aparece claramente na tradução de *excelentíssima senhora Dona Marcenda*, no exemplo (1), em que, em PE, temos três títulos antes do nome, estando o primeiro sempre no superlativo sintético.

No que concerne ao segundo exemplo, mostra a facilidade de escolha do tratamento quando os interlocutores pertencem à mesma classe social. Entre homens, nas relações mais ou menos formais, é normal empregar o título profissional (Reis é médico, Sampaio homem de leis) seguido do nome de família, como acontece no exemplo (2) («trata-vam-se com deferência»):

(2) Tratavam-se com deferência, *Doutor Reis, Doutor Sampaio*, há esta feliz igualdade entre eles, de título, e assim estiveram até ao fim do intervalo, [...] (p. 108).

Se traitant avec la déférence qu'autorise l'égalité des titres, *docteur Reis, docteur Sampaio*⁷, et ils ont poursuivi de la sorte jusqu'à la fin de l'entracte (p. 109).

Neste exemplo se configura mais uma especificidade das formas de tratamento em PE. Se, para um homem, é possível usar o título da profissão e o nome de família, sendo esta, até, a forma mais vulgar de tratamento distanciado, o mesmo não acontece com as mulheres. Jamais seria possível dirigir-nos a uma médica chamando-lhe Doutora Cunha, sendo necessário usar, para as mulheres, o nome próprio. Assim, dever-se-ia dizer Doutora Sandra, por exemplo.

b. A distância social entre os interlocutores determina, de modo bastante rígido, em PE, o emprego das formas de tratamento. No exemplo (3), Pimenta, que trabalha no hotel onde está alojado Ricardo Reis, dirige-se-lhe através da fórmula sujeito o + senhor + doutor + 3ª pessoa do verbo. Reis, pelo contrário, dirige-se ao criado usando unicamente o respectivo nome de família, Pimenta. Mas, com um outro empregado do hotel, situado um pouco abaixo na escala social, porque é galego e este povo forneceu durante décadas, pelo menos até à primeira metade do séc. XX, emigrantes pobres que se ocupavam dos trabalhos mais duros em Portugal, Ricardo Reis utiliza apenas o nome próprio Ramón⁸ enquanto forma nominal de tratamento (4). A assimetria social dos interlocutores aparece assim nos exemplos seguintes :

(3) *O senhor doutor* vai sair, Vou, vou dar por aí uma volta, e começou a descer a escada, o Pimenta seguiu-o até ao patamar, Quando *o senhor doutor* chegar, toque duas campainhadas, uma

curta, outra comprida, assim já sei quem é, Vai ficar acordado, Passada a meia-noite deito-me, mas por mim *o senhor doutor* não se prenda, venha à hora que quiser, Feliz ano novo, *Pimenta*, Um ano novo muito próspero, *senhor doutor*, [...] (p. 75)

Vous sortez, monsieur le docteur. Oui, je vais faire un tour et il a commencé à descendre l'escalier, *Pimenta* l'a accompagné jusqu'au palier, Quand vous reviendrez, monsieur le docteur, appuyez deux fois sur la sonnette, un coup bref et un long, je saurai que c'est vous. Vous allez rester éveillé. Passé minuit, je me couche, mais ne vous en faites pas pour moi, monsieur le docteur, rentrez quand vous voudrez. Bonne année, *Pimenta*. Que la nouvelle année vous apporte la prospérité, monsieur le docteur, [...] (p.75)

(4) [...], o criado sorriu com bonomia familiar e disse, Dia de Reis paga *o senhor doutor*, Fica combinado, *Ramón*, era este o nome, [...] (p. 73)

[...], le serveur lui sourit avec sa bonhomie coutumière, et dit, Le jour des rois, ce sera votre tour de payer, monsieur le docteur. D'accord, *Ramon* [...] (p.73)

Em vez de *vous* + 2ª pessoa do plural seguida do vocativo (3, 4), como na tradução francesa, o original português utiliza a forma *o + senhor + doutor* como sujeito do verbo na 3ª pessoa do singular, sem vocativo, modo mais frequente de nos dirigirmos a um alocutário com o qual temos uma relação de deferência em PE, mas forma desconhecida de tratamento em PB. Uma vez que se dirige a um interlocutor socialmente superior, *Pimenta* utiliza a expressão nominal «o senhor doutor», (sujeito, nas três primeiras ocorrências de (3) e em (4)), mas, quando a interlocução se faz no outro sentido, *Reis* utiliza apenas o nome de família «*Pimenta*» ou mesmo o nome próprio «*Ramón*» enquanto forma de alocação (ver (3) e (4)) + o verbo na 3ª pessoa, ou então o verbo só sem qualquer sujeito (com sujeito Ø): «*vai* ficar acordado».

A distância linguística é muito bem compreendida pelas personagens que ocupam uma posição inferior na escala social (em (5), sublinhamos a distância social entre *Lídia*, criada de quarto, e *Reis*, médico e cliente do hotel) e pode conduzir (em (6)) a que o superior se dirija ao inferior na 2ª pessoa, o que seria revelador, não da proximidade entre os interlocutores, como é habitualmente o caso quando a relação social é simétrica, mas, pelo contrário, do poder, coisa que *Cintra* já tinha notado (cf. CINTRA, 1972, p. 68). *Salvador* é o gerente do hotel e dirige-

se à criada na 2ª pessoa, porque é seu superior hierárquico (6):

(5) O pequeno-almoço do *senhor doutor*, foi ensinada a dizer assim, e, embora mulher nascida do povo, tão inteligente é que não esqueceu até hoje (p. 57).

Le petit déjeuner, monsieur le docteur, c'est ainsi qu'on lui a appris à s'exprimer, et bien que femme du peuple, elle est suffisamment intelligente pour ne pas avoir oublié la leçon (p.56).

(6) Como se chama, e ela respondeu, Lídia, *senhor doutor*, e acrescentou, às ordens do *senhor doutor*, poderia ter dito doutra maneira, por exemplo, e bem mais alto, Eis-me aqui, a este extremo autorizada pela recomendação do gerente, *Olha* lá, ó Lídia, *dá tu* atenção ao hóspede do duzentos e um, ao doutor Reis [...] (p. 48).

Comment vous appelez-vous, Lidia, monsieur le docteur et elle a ajouté, A votre service, monsieur le docteur. Elle aurait pu parler plus fort et dire autre chose, par exemple, Je suis à vos ordres, formule autorisée et même recommandée par le gérant, Écoute, Lidia, prends bien soin du client du deux cent un, le docteur Reis, [...] (pp. 47-48).

No exemplo (5) e numa das ocorrências de (6), não existe vocativo em português, como acontece na tradução. Uma tradução mais literal seria «le petit déjeuner de monsieur le docteur» (5) e «je suis aux ordres de monsieur le docteur» (6). No exemplo (6), o original português reproduz, com mais eficácia, o registo familiar, o modo marcado como Salvador fala à criada. O acto injuntivo é eficaz porque o locutor trata a criada por «tu» (mas ela nunca poderia devolver-lhe igual tratamento) e a injunção é reforçada pelo uso da partícula modal «lá», pelo emprego da interjeição de chamamento «ó» antes do nome próprio (vocativo) e pela inversão oralizante das posições de sujeito e predicado («dá tu»).

Nos seus estudos clássicos sobre as «formas de tratamento», Cintra (1972) diz que elas praticamente não evoluíram desde a primeira metade do século XIX até à primeira metade do século XX. Lembremos que a acção do romance de Saramago se desenrola em 1935. Eis a razão pela qual aceitamos perfeitamente, na boca das personagens, formas de tratamento que quase desapareceram nos dias de hoje. No exemplo (7), o agente de polícia não conhece Reis mas julga-o pelo aspecto, pelo seu *ethos*, e dirige-se-lhe através da forma muito cerimoniosa e hoje quase desaparecida de «Vossa Senhoria» (forma de origem italiana da qual Cintra traçou a história, desde o século XV, quando era apenas usada

para quem se dirigia ao rei, até ao seu progressivo alargamento a outros destinatários de posição social menos elevada). Ricardo Reis, por seu turno, dirige-se ao seu interlocutor através da forma nominal «senhor guarda» (vocativo), quer dizer, «senhor» + profissão; este responde-lhe «com deferência»:

(7) Que ajuntamento é este, *senhor guarda*, e o agente de autoridade responde com deferência, vê-se logo que o perguntador está aqui por um acaso, É o bodo do Século, Mas é uma multidão, Saiba *vossa senhoria* que se calculam em mais de mil os contemplados, [...], Muito obrigado pelas suas informações, *senhor guarda*, Às ordens de *vossa senhoria*, passe *vossa senhoria* por aqui, [...] (p. 69).

Cet attrouplement, qu'est-ce donc, monsieur l'agent, et le représentant de l'autorité répond avec déférence, il est évident que l'homme qui l'interroge est ici par hasard, Ce sont les bonnes œuvres du *Seculo*. Quelle foule. *Diable*, vous savez, on estime qu'il y a plus de mille personnes ici. [...] (p.68) Merci beaucoup pour ces informations, monsieur l'agent. Je vous en prie, monsieur, tenez, passez par là, [...] (p. 69).

O problema da tradução de «Vossa Senhoria» é de tal modo complexo que o tradutor escolhe pura e simplesmente ignorar e não traduzir essa «forma de tratamento», que no entanto é repetida três vezes enquanto sujeito do verbo, pelo agente da polícia que se dirige a Ricardo Reis. «Diable» é uma alternativa um pouco estranha para substituir, na tradução francesa, o original «Vossa Senhoria», não só porque não existe no texto português, mas também porque é demasiado informal, sobretudo na boca do polícia, cujo discurso era, de forma bastante verossímil, algo cerimonioso.

Um outro exemplo (8) dá conta de uma forma nominal semelhante mas ainda utilizada nos nossos dias, «Vossa Excelência». Esta forma continua a existir na escrita e também na oralidade formal, em contextos específicos, nomeadamente, no tribunal, no discurso parlamentar, nas academias ou na diplomacia. Emprega-se obviamente hoje menos do que em 1935 e também menos do que na época em que Cintra (1972) se lhe referiu. O exemplo (8) ilustra o seu emprego normal entre pessoas cultas e de um extracto social elevado que não tenham, no entanto, uma relação de proximidade entre elas, como acontecia no século XIX:

(8) Ricardo Reis sai da sala de jantar, aproxima-se da porta dos monogramas, aí tem de trocar vénias com o homem gordo que

também ia saindo, *Vossa excelência* primeiro, Ora essa, por quem é, saiu o gordo, Muito obrigado a *vossa excelência* [...]. (p. 27)

Ricardo Reis sort de la salle à manger, s'approche de la porte aux monogrammes, il lui faut échanger des politesses avec le gros homme qui sort au même instant, Vous d'abord. Je vous en prie. Non, c'est à vous. Le gros homme est sorti. Merci beaucoup, monsieur. (p. 29)

O pronome francês «vous» e o nome «monsieur» são muito mais neutros, igualitários e menos marcados do que a fórmula cerimoniosa «Vossa excelência» com a 3ª pessoa. A forma era ainda banal no século XIX, em situações formais, em determinados ambientes da classe alta, como o atesta o exemplo de *Os Maias*, de Eça de Queirós, traduzido por Paul Teyssier, em que Alencar, dirigindo-se a Carlos da Maia, passa, de forma aliás cómica, de um tipo de tratamento formal para outro mais informal. Os matizes da variação, sensíveis em português, perdem-se, em parte, na tradução francesa:

(9) – Vossa Excelência, já que as etiquetas sociais querem que eu lhe dê excelência, mal sabe a quem apertou agora a mão...[...]

– E deixemo-nos já de excelências!, que eu vi-te nascer, meu rapaz!, trouxe-te muito ao colo!, sujaste-me muita calça! Cos diabos, dá cá outro abraço! (*Os Maias*, cap. VI)

– Monsieur – puisque l'étiquette veut que je vous dise «monsieur» – vous ne savez pas à qui vous venez de serrer la main? [...]

– Au diable les cérémonies! Je t'ai vu naître, mon garçon! Je t'ai souvent porté dans mes bras! Tu m'as sali plus d'un pantalon!... Que diable, embrasse-moi encore! (*Les Maia*, p. 188).

c. Carreira (2004, 2007) analisou com perspicácia o emprego de «você» em PE. Em certas situações discursivas, o seu uso é sentido como pouco polido, sobretudo se nos estivermos a dirigir a alguém de posição social superior ou que desconhecemos. Mas é possível usar o pronome de igual para igual, e ele pode até ter, por vezes, uma tonalidade afectuosa, como no exemplo (10), em que Ricardo Reis e Fernando Pessoa falam entre si usando a 3ª pessoa, uma vez que a 2ª, demasiado informal, não é adequada para a relação de afecto íntimo existente entre os dois. Essa 3ª pessoa pode ser combinada com o pronome «você», utilizada sem pronome (ou com pronome Ø), ou ser combinada com os nomes Reis e Pessoa usados enquanto vocativos e mesmo, quando os

interlocutores se despedem, num momento de intimidade mais próxima, com os nomes próprios Fernando e Ricardo:

(10) Então como *tem passado*, um deles fez a pergunta, ou ambos, não importa averiguar, considerando a insignificância da frase. (p. 79) [...] é Fernando Pessoa quem primeiro fala, Soube que me *foi visitar*, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim, Pensei que *estivesse* (p. 80) -> ausência de pronome ou pronome *Æ* + 3ª pessoa.

[...] *Você, Reis*, tem sina de andar a fugir das revoluções [...]. *Você* continua monárquico, Continuo, Sem rei, Pode-se ser monárquico e não querer um rei. [...]. Creio que vim por *você* ter morrido, é como se, morto *você*, só eu pudesse preencher o espaço que ocupava, [...] (p. 81). Então até breve, *Fernando*, gostei de o ver, E eu a si, *Ricardo*, [...] (p. 82). -> «você» + 3ª pessoa.

Alors, que devez-vous, l'un d'eux a posé la question, ou les deux à la fois, qu'importe, la phrase est tellement banale. (p. 80) [...] et Fernando Pessoa parle le premier, J'ai su que vous m'aviez rendu visite, je n'étais pas là, on me l'a dit après mon retour, et Ricardo Reis répond, Je pensais que vous étiez là (p. 80).

Mon cher Reis, vous êtes destiné à fuir les révolutions [...]. Êtes-vous toujours monarchiste. Toujours. Sans roi. On peut être monarchiste et ne pas vouloir d'un roi. (p. 81) [...], je crois que je suis revenu parce que vous étiez mort, et qu'après votre mort, j'étais le seul à pouvoir remplir l'espace que vous occupiez. (pp. 80-01). [...]. Alors à bientôt, Fernando, j'ai été heureux de vous voir. Et moi aussi, Ricardo (p. 83).

4. Conclusão: complexidade e aprendizagem de línguas

As línguas são mecanismos complexos e fascinantes. Numa dada fase da respectiva aprendizagem, é absolutamente indispensável que aquele que aprende uma língua seja confrontado com a sua complexidade. A riqueza e a variedade dos *inputs* linguísticos são fundamentais e não poderiam ver-se confinadas ao convívio com os discursos quotidianos, como um certo comunicativismo excessivo propôs há uns anos. Numa etapa mais avançada da aprendizagem, uma das formas mais úteis de o aprendiz se familiarizar com a complexidade inelutável da língua é ler e analisar textos literários. O confronto reflectido de traduções parece-nos, neste âmbito, de grande rendimento pedagógico. O emprego das

formas de tratamento faz parte das normas que regem a interacção discursiva, tendo uma primordial importância na interlocução, porque mostram «l'intersubjectivité coénonciative en la soulignant, en la mettant au premier plan» (DÉTRIE, 2006, p. 194). No que diz respeito às formas de tratamento em PE, aspecto particularmente complexo da aprendizagem do português, sobretudo como língua estrangeira (HAMMERMUELLER, 2004) produziu, a este respeito, considerações muito interessantes), é necessário um trabalho lexical explícito, que tenha por objectivo alargar e aprofundar os conhecimentos do estudante quanto à área lexical em causa, eventualmente com recurso à história da língua. Este investimento no alargamento da competência lexical do sujeito visa muni-lo dos instrumentos indispensáveis para que possa efectuar as escolhas discursivas adequadas. Dá-nos razão Saramago quando diz, de Ricardo Reis, incapaz de se decidir por uma fórmula para se dirigir a Marcenda: «*achou-se sem léxico* que não fosse perigosamente familiar, íntimo». Para que os estudantes de português se não achem nunca «sem léxico» para poderem escolher a forma de tratamento mais ajustada a cada situação enunciativa, é necessário dotá-los de um repertório lexical vasto.

Neste contexto, o contributo da leitura de romances de qualidade literária inquestionável é muito útil e desafiadora, como espero ter demonstrado, porque os grandes escritores manipulam a língua com mestria, de maneira subtil e criativa, tornando-a mais opaca e portanto mais palpável e visível na sua materialidade e plasticidade, o que nos permite entrever a complexidade dos sentidos.

ABSTRACT

The starting point of this work is the difficulty faced by foreigners who learn Portuguese as well as by those who speak it as a mother tongue whenever they have to use proper forms of address. Forms of address in Portuguese are very complex, as the work of Maria Helena Carreira (1997, 2001, 2002, 2004, 2007) has repeatedly demonstrated. By analyzing a *corpus* of fiction, we will see the benefits that arise from combining linguistic description (both lexical and discursive) with a literary point of view to reach an efficient pedagogical

approach, since fiction narratives use terms of address in very realistic ways. Departing from the original version in Portuguese and the French translation of the novel *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), by José Saramago, we try to understand how the terms of address have been translated.

KEYWORDS: linguistics, literature, didactic, terms of address, Portuguese.

NOTAS

¹ Quando usarmos português, neste texto, estaremos a tratar exclusivamente do Português Europeu.

² Ver Vieira, Alice, “Senhoras donas, por favor!”, in *Jornal de Notícias*, 28/09/2008.

³ Ver nota 2.

⁴ Utilizo a tradução de Claude Fages, *L'année de la mort de Ricardo Reis*, Paris, Éditions du Seuil, 1988, coll. Points.

⁵ Os nomes próprios são muito motivados em Saramago. Marcenda, que não existe em português, tem um significado evidente se pensarmos no latim: a personagem, como o nome próprio anuncia, destrói-se lentamente.

⁶ Sublinhados meus em todos os exemplos.

⁷ Em francês, o título para um advogado é «maître». «Docteur» só se emprega para os médicos.

⁸ Senhor + nome próprio usa-se para um interlocutor que está socialmente situado abaixo de um outro interlocutor para o qual se use senhor + apelido ou nome de família.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *Langue et Littérature, Analyses Pragmatiques et Textuelles*. Paris: Hachette, 1991.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Sobre o regresso à Filologia. In: Gonçalves, Miguel *et al.* *Gramática e Humanismo, Actas do Colóquio de Homenagem a*

- Amadeu Torres, v. I, Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2005. p. 83-92.
- _____. Horizontes de uma nova interdisciplinaridade entre os estudos literários e os estudos linguísticos. In: REIS, Carlos (org.). *Actas, Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC, 2008. p. 19-32.
- BESSE, Henri. Quelques réflexions sur le texte littéraire et ses pratiques dans l'enseignement du français langue seconde ou langue étrangère. *Le Trèfle*, n. 9, p. 3-8, 1989.
- BIZARRO, Rosa. *Autonomia de Aprendizagem em Francês Língua Estrangeira Contributos para a Educação no século XXI*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Peeters, 1997.
- _____. *Semântica e discurso, estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora, 2001.
- _____. La designation de l'autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. *Instabilités linguistiques dans les langues romanes. Travaux et Documents*, n. 16, p. 173-184, 2002.
- _____. Les formes d'allocution du portugais européen: valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, p. 35-45, 2004. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf Acesso em: 02 /02/2008).
- _____. Le pronom d'adresse portugais «você»: valeurs et évolution. In : CUNIPĂ, Alexandra ; LUPU, Coman ; TASMOWSKI, Liliane (orgs.). *Studii de lingvistică și filologie romanică. Hommages offerts à Sanda Reinheimer Rîpeanu*. București: Editura Universității din București, p. 15-19, 2007.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Sobre « formas de tratamento » na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- DÉTRIE, Catherine. *De la non-personne à la personne: l'apostrophe nominale*. Paris: CNRS Éditions, 2006
- DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In BRITO, Ana Maria (org.). *Gramática: História, teorias, aplicações*. Porto: Faculdade de Letras, p. 133-146, 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/25334> Acesso em: 12/09/2011.
- _____. Termes d'adresse, modalisation et discours rapporté en portugais. In: CARREIRA, Maria Helena Araújo (org.). *"Mignonne, allons voir si la rose..."* Termes d'adresse et modalités énonciatives dans les langues romanes,

Travaux et Documents, v. 40, 2008a. p. 333-349.

_____. Noms d'adresse dans le discours indirect libre de *Os Maias*: traductions espagnoles et française. In: RÎPEANU, Sanda; IACOB, Mihai (Orgs.). *Estudios Hispánicos I, Lingüística y Didáctica*. București: Editura Universității din București, 2008b, p. 107-118. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/16144> Acesso em: 12/09/2011.

FONSECA, Fernanda Irene. Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da Literatura. In: MELLO, Cristina et al. *Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2002. p. 37-45.

GOUVEIA, Carlos. As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em Português Europeu. In DUARTE, Isabel Margarida; OLIVEIRA, Fátima (orgs.) *O fascínio da Linguagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. p. 91-100.

HAMMERMUELLER, Gunther. Adresser ou éviter, c'est la question... Comment s'adresser à quelqu'un en portugais sans avoir recours à un pronom ou à une autre forme équivalente. *Sítio do Instituto Cervantes de Paris*, 2004. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_hammermueller.pdf. Acesso em 02/02/2008.

QUEIROZ, Eça. *Os Maias*, Lisboa: Livros do Brasil, s/d (1888 1ª ed.).

_____. *Les Maia*. Paris: Chandeigne, 1996. (tradução Paul Tessyier).

SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho, 1984.

SARAMAGO, José. *L'année de la mort de Ricardo Reis*, tradução Claude Fages. Paris: Éditions du Seuil, coll. Points, 1988.

Recebido em: 30/03/20011

Aprovado em: 30/06/2011